FINAL FELIZ

ONDE NASCEM AS ESTRELAS

Por trás de cada desejo realizado pela Make-A-Wish há uma equipa de voluntários, famílias, parceiros e profissionais que se esforça para concretizá-lo

ERICA FRANCO
efranco@dnoticias.pt



Sónia Bastos, Rita Aguiar e Helena Oliveira representam três elos da rede por detrás dos desejos das crianças e jovens com doenças graves. FOTOS H.S./ ASPRESS

Há qualquer coisa de conto de fadas num desejo. Uma ida à Disneylândia, um encontro com um ídolo ou outra experiência sonhada começam na Make-A-Wish com um pedido a uma estrela – símbolo da organização. Mas aquilo que parece magia não acontece por acaso. A verdadeira transformação faz-se nos bastidores, onde uma rede de "wishmakers" (em português: fazedores de desejos) se mobiliza para tornar realidade "o melhor dia possível" para uma criança ou jovem com uma doença grave.

Desejar é também acreditar que pode haver um momento diferente num quotidiano marcado por hospitais, tratamentos e incerteza. É nesse espaço entre a esperança e o possível que trabalha a Make-A-Wish.

Mas quem são, afinal, os "wishmakers"?

"Nós consideramos todas as pessoas que estão envolvidas no processo de realizar um desejo", explica Rita Aguiar, Controladora Financeira de Operações e Qualidade na Make-A-Wish Portugal, que na última semana esteve na Região para uma acção de team building da organização.

No fundo, "é toda a comunidade que faz parte de um desejo", resume.

Dentro dessa comunidade estão os voluntários que acompanham directamente cada "wish kid" (a criança ou jovem a quem será realizado o desejo), mas há também quem assegure tarefas de apoio à organização, participe em eventos ou ajude no funcionamento do escritório.

As diferenças entre estas funções começam na preparação. Para quem acompanha a criação dos desejos, existe uma formação mais completa, incluindo preparação emocional. "Não é só a vontade normal", salienta Rita Aguiar. É preciso garantir que os voluntários se sentem preparados para lidar com situações que podem ser emocionalmente exigentes. Isto porque, por trás de cada desejo, há uma realidade muito concreta. A organização acompanha crianças e jovens entre os três e os 17 anos, residentes em Portugal, com doenças graves.

A candidatura pode chegar directamente à organização, ser encaminhada pelas escolas ou partir de hospitais com os quais mantém ligações.

A doença tem de ser considerada elegível pela Make-A-Wish, sendo as patologias oncológicas as mais frequentes entre os casos acompanhados, embora a organização também receba crianças com doenças raras e outras patologias graves.

"Todos os casos têm igual prioridade", esclarece Rita Aguiar, ressalvando que a excepção são as crianças que chegam à organização com uma esperança média de vida mais curta.

> MAKE-A-WISH JÁ REALIZOU 81 DESEJOS DE CRIANÇAS E JOVENS DA MADEIRA, DESDE 2012

Apesar da realidade clínica que está na origem de cada candidatura, o foco da Make-A-Wish "não é a doença". "O nosso foco é levar momentos de leveza e de alegria. Não são situações fáceis, mas nós queremos sempre tratar estes miúdos como crianças e jovens que são", sublinha a responsável.

Como se faz um dia cor-de-rosa?

Parte da magia reside no próprio processo de preparação. Uma vez aceite a candidatura, a criança recebe uma "wish box", uma espécie de kit de boas-vindas adaptado à idade, com materiais para começar a pensar no seu desejo. É também nesta fase que lhe são atribuídos, habitualmente, dois voluntários, que passam a acompanhar a criança e a família ao longo do processo.

Mas o desejo nem sempre está definido à partida. A partir dos primeiros contactos, começa uma fase de aproximação em que os voluntários procuram conhecer melhor a criança e perceber o que está realmente por detrás daquilo que diz querer. Porque, muitas vezes, o desejo é mais uma ideia do que um plano fechado.

"Temos de entrar no imaginário das crianças e tentar perceber como é que isto se põe em prática", nota Rita Aguiar.

É aqui que surge Clara, nome fictício de uma menina acompanhada pela Make-A-Wish, cujo desejo era "ter um dia cor-de-rosa".

"Às vezes é um conceito", reitera a representante do staff da Make-A-Wish. Cabe, então, aos voluntários descobrir o que essa ideia significa para aquela criança e, depois, encontrar uma forma de a tornar possível.

É um trabalho que Sónia Bastos conhece bem. A professora, natural de Lamego, faz parte dos sete voluntários da Make-A-Wish actualmente activos na Madeira e já realizou 13 desejos na Região. Ao DIÁRIO, recorda o primeiro de-